A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR MEDIADOR

GISLENE GOMES NUNES

RESUMO
O presente artigo tem como objetivo propor reflexões acerca da importância do professor mediador para favorecer aprendizagens significativas. Levando em consideração a valorização do aluno como protagonista do seu processo de aprendizagem. O papel do professor como mediador é fundamental nesse processo, exigindo dele flexibilidade para explorar abordagens que possam revelar o potencial positivo de cada aluno. Nesse sentido, um aspecto crucial para a efetiva mediação pedagógica é o diálogo, que estimula a colaboração e a curiosidade, despertando o interesse do aluno em investigar as causas e possíveis soluções para os desafios apresentados. Os aspectos apontados nesta pesquisa permitem reflexões em relação a função de mediador, uma vez que o professor assume a responsabilidade de compartilhar o conhecimento e disponibilizar os processos cognitivos que foram socialmente construídos. Dessa maneira, a autonomia e a independência na construção de respostas devem ser reconhecidas e valorizadas tanto na mediação do professor quanto na interação entre os alunos para que de fato seja possível a construção de aprendizagens significativas dentro do processo educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Professor Mediador; Aluno; Aprendizagens Significativas.

INTRODUÇÃO

O professor mediador entende que o saber não é algo que ele detém exclusivamente, mas sim algo que ele compartilha e constrói junto com o aluno. Assim, sua abordagem coloca o aluno como sujeito central do processo educacional, promovendo sua interação e participação ativa nas aulas.

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar questões relacionadas a importância do professor mediador para construção de aprendizagens significativas.

O educador precisa estar atento às inovações e buscar gerenciar a assimilação do conhecimento em sala de aula, incentivando a participação ativa e promovendo a consolidação de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem o saber dos alunos, ao mesmo tempo em que fomentam seu contínuo aperfeiçoamento.

Dessa maneira, é apontado nesta pesquisa que a qualidade e o sucesso de uma escola dependem, entre outros aspectos, da formação dos docentes, das condições de trabalho, como a remuneração e os recursos didáticos, que são fundamentais para a profissionalização do magistério. Vale destacar que, embora um professor bem preparado seja essencial, a falta de recursos materiais pode impor diversas limitações ao desempenho de suas funções.

A pesquisa foi desenvolvida por meio da revisão de literatura, ou seja, revisão bibliográfica, no qual foram pesquisados diferentes autores que dissertam sobre essa temática.

Portanto, o professor mediador é aquele que facilita o processo de aquisição de conhecimento. Ao adotar essa perspectiva, o educador se torna, também, um criador de novos saberes. Essa relação é marcada pela reciprocidade, onde tanto o educador quanto o educando colaboram na construção de significados que irão integrar seu cotidiano, sua trajetória, seu aprendizado e suas interações.

PROFESSOR MEDIADOR E A SUA IMPORTÂNCIA PARA APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS

Quando se fala em educar é importante frisar que os alunos não são meros telespectadores, mas autores e atores da aprendizagem. O professor é mediador desse processo, por isso, ele deve ter flexibilidade para trabalhar perspectivas que possam descobrir algo positivo no aluno.

Um fator importante para que exista a mediação pedagógica é o diálogo, que, fomente a colaboração, a curiosidade, despertando o interesse do aluno em estudar as causas e as possíveis soluções do problema.

O educador deve estar atento às inovações e procurar gerenciar a absorção do conhecimento em sala de aula, estimulando a par-

ticipação e proporcionando a consolidação de práticas docentes que valorizem o saber discente e incite seu aperfeiçoamento.
Nesse sentido, Baladeli e Barros (2012, p. 162) afirmam:

A escola como espaço para disseminação de conhecimento historicamente produzido representa a primeira esfera de contato entre o sujeito e esse conhecimento científico. Assim, recai sobre ela a emergência na adequação de paradigmas a fim de que possibilite a formação de sujeitos consoantes com a realidade de uma sociedade globalizada.

Um professor mediador é aquele que não se considera como detentor do saber, mas como alguém que irá colaborar com o educando na construção de conhecimento. Dessa forma sua técnica de trabalho coloca o aluno como sujeito do processo educativo interagindo e participando ativamente das aulas.
Entender a escola como mediação significa compreender o conhecimento como ponte da efetivação de um processo de transformação social. Saviani (2003, p. 98) enfatiza o seguinte em relação a escola:

A escola tem uma função especificamente educativa, propriamente pedagógica, ligada a questão do conhecimento; é preciso, pois resgatar a importância da escola e reorganizar o trabalho educativo, levando em conta o problema do saber sistematizado, a partir do qual se define a especificidade da educação escolar.

É preciso mais que queixas para melhorar esse quadro caótico em que se encontra a convivência em sala, espaço que deveria ser de harmonia e respeito, mas que infelizmente se transformou num ambiente de tensão, agressividade, gritos e falta de respeito. Com tudo isso é praticamente impossível obter uma boa aprendizagem e interação dos alunos.
Dessa maneira, Martins (2009, p. 18) declara:

Se estratégia, conteúdo, professor, aluno e intenções são ainda em nossos dias questões centrais da Didática, presente na sala de aula, é importante pensarmos sobre o que mudou nesse espaço escolar ao longo desses anos. Percebemos o quanto ele carece de um novo entendimento, de reflexões críticas sobre cada um desses componentes e sobre as interações que estabelecem entre si.

Professores encontram-se numa verdadeira crise de nervos, deparam-se com classes numerosas onde crianças demonstram comportamentos de rebeldia e agressividade.
Assim, para Sarmento (2010):

[...] os conhecimentos adquiridos terão que ser "postos" dentro de sala de aula em condições muitas vezes precárias e insuficientes. O desenvolvimento profissional torna-se um desafio constante, o professor precisa ter domínio de conteúdo, domínio de sala, de competências, habilidades e atitudes para enfrentar as adversidades da luta diária pelo aprendizado do aluno. (SARMENTO, 2010, p.24)

O ambiente foi modificado, as crianças estão se transformando e o pior é que toda essa metamorfose não tem resultados positivos e os caminhos encontrados para lidar com esses problemas continuam ultrapassados.
Diante do exposto Gonçalves (2005, p. 636) aponta:

Existe grande perplexidade da parte do professor que, muitas vezes, fica sem saber como agir para resolver e prevenir os múltiplos conflitos que surgem no cotidiano escolar. O que se observa é que, na maioria das vezes, ele tem muitas dificuldades de lidar com as situações de conflito, de forma a propiciar ao aluno experiências educativas de interação social construtiva que favoreçam a sua formação ética e minimizem a violência na escola.

A escola surgiu da necessidade dentro de um processo social à medida que este se tornou mais complexo, como também evoluiu e ganhou novas estruturas.
Nesse sentido, Saviani (2003) expõe:

A escola tem uma função especificamente

educativa, propriamente pedagógica, ligada a questão do conhecimento; é preciso, pois resgatar a importância da escola e reorganizar o trabalho educativo, levando em conta o problema do saber sistematizado, a partir do qual se define a especificidade da educação escolar. (SAVIANI, 2003, p. 98)

Na condição de mediador, o professor assume o compromisso de socializar a informação e disponibilizar os processos cognitivos socialmente produzidos. Ao identificar os processos do conteúdo estudado, ele raciocina junto com o aluno e com ele aprende. A autonomia e a independência na diferenciação das respostas devem ser consideradas e apreciadas na mediação do professor e entre os alunos.
Para tanto, Freire (2011, p. 63) enfatiza:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isso exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo.

O trabalho em equipe, o desenvolvimento de projetos e a descentralização das ações nas situações de aprendizagem são elementos essenciais na composição do perfil de um professor mediador e envolvido com a transformação da educação. Esse profissional deve estar apto a desenvolver um ensino participativo, sintonizado às práticas pedagógicas contemporâneas.
Nesse sentido, Sarmento (2010) salienta:

[...] a sala de aula precisa ser espaço de formação, de harmonização, onde a afetividade em suas diferentes manifestações possa ser usada em favor da aprendizagem, pois o afetivo e o intelectual são faces de uma mesma realidade, o desenvolvimento do ser humano. (SARMENTO, 2010, p. 14)

Para Vygotsky (2000) a aprendizagem é o produto da ação dos adultos que fazem a mediação no processo de aprendizagem das crianças. Segundo o autor:

Todas as funções psíquicas superiores são processos mediados, e os signos constituem o meio básico para dominálas e dirigi-las. O signo mediador é incorporado à sua estrutura como parte indispensável, na sua verdade a parte central do processo como um todo. Na formação de conceitos, esse signo é a palavra, que em princípio tem o papel de meio na formação de um conceito e, posteriormente, torna-se o seu símbolo (Vygotsky, 20003, p. 48).

Neste processo de mediação os adultos usam ferramentas culturais tais como a linguagem e outros meios e muito mais que ser um processo de assimilação e acomodação. Resumindo Vygotsky (2000) nos fornece a pista, sobre o papel da ação docente: o professor é mediador da aprendizagem do aluno, facilitando-lhe o domínio e a apropriação dos diferentes instrumentos culturais. Mas, a ação do docente somente terá sentido se for realizada no plano da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Isto é, o professor constitui-se na pessoa mais competente que precisa ajudar o aluno na resolução de problemas que estão fora do seu alcance, desenvolvendo estratégias para que pouco a pouco possa resolvê-las de modo independente. Esse professor mediador desempenha o papel fundamental de promover a discussão entre e com os aprendizes que interagem uns com os outros, trocando informações, experiências, construindo, desconstruindo e reconstruindo conhecimento. Dá-se então o processo cooperativo de aprendizagem, do aluno, já que aquilo que a criança consegue fazer com a ajuda do outro seria muito mais indicativo do seu desenvolvimento mental do que o que faz sozinha.
Sendo o professor o mediador entre o sujeito e o objeto de estudo e levando em conta os aspectos de linguagem, cultura, processo de

internalização e função mental no processo de aprendizagem é que a teoria de Vygotsky (2000) aponta que o aluno aprende junto ao outro o que produz o grupo social, seja na linguagem, valores ou conhecimento.
Isso fica explicito nas concepções de Vygotsky como diz Rego, (1995, p. 74):

O aprendizado é o responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal, na medida em que, em interação com outras pessoas, a criança é criança são capazes de colocar em movimento vários processos de 9 desenvolvimento vários processos de desenvolvimento que, sem ajuda externa, seriam impossíveis de ocorrer. Esses processos se internalizam e passam a fazer parte das aquisições do seu desenvolvimento individual.

O professor mediador é o agente que possibilita o conhecimento, e, neste sentido, o educador que se percebe tendo esse olhar, torna-se, ele também, agente criador e outros conhecimentos. Essa relação é de reciprocidade. Ambos, educador e educando, constroem significados para seu cotidiano que farão parte de sua história, de seu aprendizado, da construção de suas relações.

[...] dedicar tempo à comunicação com os alunos, a manifestar afeto e interesse (expressar que eles importam para nós), [...] elogiar com sinceridade, [...] interagir com os alunos com prazer... O oposto é a rejeição, à distância, a simples ignorância a respeito dos alunos, o desinteresse... (mostrado ao menos por omissão). (MORALES, 1998, p. 54)

Para que o professor seja um bom mediador faz-se necessário a existência de uma sintonia entre os desejos do professor e os desejos dos alunos. A sinergia que ocorre na busca de um objetivo comum é que faz com que as intervenções do professor se tornem mediadores pedagógicos de fato.
O professor é um mediador que está entre a criança e a sociedade, é ele que leva a criança perceber que o mundo é muito mais do que sua vida familiar. Por isso os professores devem educar olhando nos olhos, onde as atitudes falam mais do que muitas palavras.
Para que haja uma boa convivência entre professor e aluno é necessário uma certa dose de humildade e um bom diálogo. Este é o primeiro passo de mudança, pois a confiança entre professor e aluno é o bem mais precioso, e, dessa maneira, será possível direcionar a prática docente para minimizar a indisciplina em sala de aula de maneira consciente e não agressiva ou passiva, contribuindo assim, para o processo ensino-aprendizagem de melhor qualidade.
Diante do exposto Rego (1995, p. 116) comenta:

Mas para que ele possa intervir e planejar estratégias que permitam avanços reestruturação e ampliação do conhecimento já estabelecido pelo grupo de alunos, é necessário que conheça o nível efetivo das crianças, ou melhor, as suas descobertas hipóteses, informações, crenças opiniões, enfim, suas "teorias" acerca do mundo circundante. Este deve ser considerado o "ponto de partida.

É fator inevitável que o professor tenha consciência de que uma boa convivência com o aluno deve ser precedida de um bom diálogo. Ressaltando
Freire (2011), "o diálogo é um encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daquele que dialogam, orienta-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar". A ação do professor é imprescindível. Cabe a ele assumir o papel de mediador, e não condutor, como é comum na educação.

Desenvolver pessoas não é apenas dar-lhes informação para que elas aprendam novos conhecimentos, habilidades e destrezas e se tornem mais eficientes naquilo que fazem. É, sobretudo, dar-lhes a formação básica para que elas aprendam novas atitudes, soluções, ideias, conceitos e que modifiquem seus hábitos e comportamentos e se tornem mais eficazes naquilo que fazem. Formar é muito mais do que simplesmente informar, pois representa um enriquecimento da personalidade humana (CHIAVENATO, 2010, p. 362).

Desempenhar o papel de mediador significa

que a ação do professor precisa ser pautada no conhecimento acerca do desenvolvimento psicológico da criança e, consequentemente, das suas necessidades.
Dessa forma, o professor terá condições de tomar as decisões comprometidas com o desenvolvimento de habilidades e potencialidades, que façam desse aluno uma pessoa mais feliz e plenamente realizada em suas aprendizagens.
Perante toda a indisciplina presente na escola, um grande desgaste ocorre no professor. Tal desgaste leva à desmotivação, uma vez que o educador, muitas vezes, sente-se acuado diante de comportamentos agressivos, falta de limites, apatia.
A desmotivação do professor pode também se iniciar já na faculdade em se tratando de currículo, pois um aspecto conflitante se dá quanto ao conteúdo abortado pelas Universidades. Saberes estes inclusive os de enfrentar problemas advindos da indisciplina, da desmotivação própria e dos próprios alunos. Isso revela que a reflexão sobre educação não tem feito parte da instituição no processo de aprendizagem, estabelecendo penas a outros longos prazos, com objetivos claros, que permitem avaliar, inclusive, os investimentos.
A qualidade e o sucesso da escola dependem, dentre outros fatores, da formação do docente, das condições de trabalho, como remuneração, recursos didáticos, número de alunos por sala, elementos primordiais à profissionalização do magistério. É importante ressaltar que um professor bem preparado, mas sem recursos materiais enfrentará uma diversidade de restrições ao cumprimento de sua tarefa.
O estímulo dos professores é uma questão importante na dinamização das aulas; é preciso meios de estimulá-los na busca de metodologias que levem os alunos a refletirem sobre os conteúdos e seus propósitos, capazes de motivá-los, possibilitando o diálogo em sala de aula, aproveitando informações trazidas por eles, relacionadas a seu cotidiano como forma de otimizar a aprendizagem. Metodologias que organizem conhecimento adquirido e conhecimento inferiorizado, prévio também é uma forma de dinamizar as aulas, canalizando a energia do aluno para a reflexão.
Além disso, há o compromisso de buscar novas formas de trabalho pedagógico mais adequadas ao presente contexto cultural para a criação de novos motivos escolares para todos os alunos.
Para tanto, não bastam regras sem os seus devidos cumprimentos. É importante que a escola não se torne permissiva. Além disso, a escola precisa fornecer os recursos necessários ao trabalho educativo do professor, para que o mesmo possa contribuir para a aprendizagens significativas dos alunos.
Se por motivação pode-se entender como o conjunto de motivos que move o indivíduo a dizer, a fazer, a pensar e a decidir o querer da vontade, é sempre um querer motivado, haja vista nossa vontade necessitar de razões e motivos. Um motivo é o efeito da descoberta de um valor. Há, pois, uma estrita relação entre motivos e valores, especificações do bem.
Nas relações interpessoais, não só entre professores e aluno, mas também entre os próprios alunos, o grande desafio é conseguir se colocar no lugar do outro, compreender seu ponto de vista e suas motivações ao interpretar suas ações. Isso desenvolve a atitude de solidariedade e a capacidade de conviver com as diferenças.
Ambas as partes, professores e alunos, podem ter suas necessidades humanas trabalhadas nas relações interpessoais. No que se refere às necessidades humanas, elas estão organizadas numa série no seu oficio.
A partir deste pensamento, professor e aluno passam a ser participantes do processo de construção da aprendizagem, por conseguinte, o educador tem como tarefa alunos curiosos, críticos, motivados, de forma a assimilarem seus conhecimentos com sua realidade. Por conseguinte, torna-se também motivado.
A motivação no ensinar resulta no respeito à dignidade, a autonomia, a ética, a curiosidade, e inquietude, a linhagem do aluno. Ao professor cabe propor ao aluno momentos de buscas, de experiências, despertar no sujeito o gosto pelo aprender num incentivo da aprendizagem, bem como possibilitar trocas de despertar interesse experiências entre aluno e professor, professor e aluno.

Estando motivado, capaz de ministrar aulas estimulantes, o educador será capaz de também motivar seus alunos, cativá-los, e não somente transmitir conhecimentos. Por conseguinte, envolvidos na aula, a disciplina será quase totalizaste, uma vez os educandos estarem participando em seus ensinamentos.

Em se tratando de ensinar, Freire (2011) salienta que educar não se trata apenas de transmissão de conhecimentos, mas conscientização, cooperação no crescer dos educandos; ao contrário, não surtirá nenhuma eficácia. Isso indica que o aprender é inacabado, "é preciso que o professor se encontre repousado no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano".

Portanto, "para conhecer, intervir, que faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos".

A questão de disciplina, embora nunca tenha perdido sua importância, constitui-se hoje, em tarefa exaustiva para o professor. Se o professor tiver com domínio do conteúdo, consciência profissional, desejo real de levar os alunos à aprendizagem e formação didática, os resultados serão positivos.

No entanto, a relação entre professores e alunos nem sempre determina o aprendizado efetivo, mas sim a conciliação entre conteúdo, metodologia e avaliação e interesse e objetivos variados dos alunos. Tal parecer é um problema atual, pois há diversas situações problemáticas vivenciadas em sala de aula, que às vezes envolvem o aperfeiçoamento de novas metodologias, material didático, espaço para reflexão, entre outras.

Enfim, o professor mediador é essencial para assegurar aprendizagem contextualizada e transformadora, pois, ao interagir de forma ativa com os alunos, ele facilita o desenvolvimento cognitivo, conecta o conteúdo com a realidade, estimula a reflexão crítica, atuando na construção de aprendizagens significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A qualidade e o êxito de uma escola estão diretamente ligados a diversos fatores, como a formação dos professores, as condições de trabalho, incluindo remuneração, materiais didáticos e o número de alunos por turma, que são aspectos essenciais para a profissionalização do ensino. Vale destacar que, embora um professor seja bem capacitado, a falta de recursos materiais pode gerar várias dificuldades no desempenho de suas funções.

Porém, a motivação no ensino reflete o reconhecimento da dignidade, autonomia, ética, curiosidade e inquietude do aluno. O professor tem o papel de criar oportunidades para que o estudante explore e vivencie novas experiências, despertando o prazer pelo aprendizado e impulsionando seu desenvolvimento.

O professor mediador desempenha um papel crucial na construção de aprendizagens significativas, pois é ele quem facilita o processo de ensino aprendizagem, conectando o conteúdo ao cotidiano e às experiências do aluno. Sua função vai além de transmitir informações; ele guia os estudantes na descoberta do conhecimento, estimulando o pensamento crítico, a curiosidade e a reflexão.

REFERÊNCIA

BALADELI, A. P. D.; BARROS, M. S. F.; ALTO, A. É desafio para o professor na sociedade da informação. Curitiba, nº 45, p. 155-165, 2012. Editora UFPR. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/er/n45/11.pdf. Acesso em 08 fev. 2025.

CHIAVENATO, I. Gestão de Pessoas: o novo papel de dos recursos humanos nas organizações. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GONCALVES, M. A. S. et al. Violência na escola, práticas educativas e formação do professor. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 35, n. 126, p. 635-658, 2005. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a06n126.pdf. Acesso em 16 de fev. de 2025.

MARTINS, J. C.; PIMENTEL, L. S. L. O fazer pe-

dagógico: (re)significando o olhar do educador. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

MORALES, Pedro. A relação professor aluno. O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1998.

REGO, Tereza Cristina. Vygotsky Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação. Vozes, Petrópolis, 2003.

SARMENTO, Nara Regina Goulart. Afetividade e Aprendizagem. 2010. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Pedagogia/Licenciatura. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2010. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71877/000880292.pdf?sequence=1. Acesso em: 03 fev. 2025.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 8ª ed. revista e ampliada. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (Coleção educação contemporânea).

VYGOTSKY, L. S. Construção do pensamento e linguagem: as raízes genéticas do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.